

## Notas de Pesquisa

---

# Colecionando documentos, escrevendo história, imaginando uma nação: Pedro de Angelis e sua operação historiográfica

Collecting documents, writing history, imagining a nation:  
Pedro de Angelis and his historiographical operation

Deise Cristina Schell<sup>1</sup>

deisecris@gmail.com

<sup>1</sup> Doutoranda no PPG-História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Esta pesquisa está sendo realizada sob orientação do Professor Doutor Eduardo Santos Neumann.

<sup>3</sup> Archivo General de la Nación (Buenos Aires). Sala VII. Archivo de Pedro de Angelis.

<sup>4</sup> Tanto Wasserman (2008) quanto Devoto e Fausto (2004) afirmam que, na Argentina, como consequência da precariedade ou da inexistência de um Estado Nacional, de uma organização territorial e de uma ordem político-institucional, não existiu nenhuma identidade nacional concisa até 1860 e, por isso, também inexistiram histórias que tivessem uma comunidade nacional como protagonista. Será interessante verificar a validade das proposições de historiadores como Bernaldo de Quirós (2008) e Gil (2001), para quem os espaços de sociabilidade frequentados pelas elites portenhas e a imprensa buenairense àquela época já expressavam uma ideia de nação, mesmo concordando com autores como François-Xavier Guerra (1992) e José Carlos Chiaramonte (2009) de que não existisse um sentimento "protonacionalista" à época da independência. González Bernaldo de Quirós e Gil ponderam que a identidade nacional não pode ser considerada apenas uma expressão de um Estado Nacional consolidado, pois a construção do sentimento de pertencimento a uma comunidade com interesses comuns foi se consolidando paulatinamente naquele período. Por essa razão, acreditamos que será possível identificar, na operação historiográfica realizada entre 1830 e 1859 por Pedro de Angelis na Argentina, representações do passado e elementos passíveis de alimentar identidades político-comunitárias de caráter nacional. Eram as comunidades nacionais que iam sendo imaginadas, para justificar o uso, já no título de nossa pesquisa, do conceito pensado por Benedict Anderson (2008).

Nas notas que seguem, serão apresentadas algumas das reflexões que realizamos no primeiro ano de desenvolvimento de uma pesquisa, que culminará em nossa Tese de Doutorado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS<sup>2</sup>. Como indica o seu título, a proposta do estudo é analisar a operação historiográfica realizada pelo erudito italiano Pedro de Angelis na Argentina durante a primeira metade do século XIX.

Nos interessa, pois, através de epístolas e outras documentações pessoais, traçar o itinerário da coleta e da apropriação de manuscritos e obras realizadas por Angelis e da constituição de seu próprio arquivo de investigação. A partir daí, podemos analisar como o letrado selecionou os seus documentos e os estabeleceu como fontes para a história do Prata, prática que, como veremos adiante, culminou na publicação da principal obra do letrado, a *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las provincias del Río de la Plata* (1835-1837). É nosso objetivo, ainda, verificar como Angelis foi, ao tempo em que formatava seu arquivo e indagava suas fontes, escrevendo a história daquela região nas anotações críticas, nas notas explicativas, nos prólogos e nas introduções que aparecem nas páginas da *Colección* e nos manuscritos pessoais do erudito que estão guardados no Archivo General de la Nación<sup>3</sup>. Ainda sobre a escrita da história, pretendemos observar como Pedro de Angelis usou as fontes de que dispunha para construir a sua representação do passado da nação argentina, que começava, então, a ser imaginada<sup>4</sup>: para isso, utilizaremos não só a *Colección*, mas também alguns textos de sua autoria, entre os quais aqueles publicados em periódicos de Buenos Aires, como o *Archivo Americano* e *Espíritu de la Prensa del Mundo* (1843-1851), e outras obras por ele produzidas. Trata-se de três biografias, *Ensayo histórico sobre la vida del Exmo. Sr. Juan Manuel de Rosas* (1830), *Noticias biográficas del Exmo. Sr. Gobernador y Capitán General de la Provincia de Santa Fe, Brigadier D. Estanilao Lopez* (1830) e *Biografía del señor general Arenales y juicio sobre la memoria histórica de su segunda campaña a la sierra del Peru en 1821* (1832),

e de uma *Memoria histórica sobre los derechos de soberanía y dominio de la Confederación Argentina a la parte austral del Continente Americano* (1852). Para finalizar, interessa-nos estudar o destino final da coleção de Pedro de Angelis, desde a venda de parte dela para o Império Brasileiro em 1853<sup>5</sup> até os usos que fez dela a viúva do erudito após a sua morte, ocorrida em 1859.

Chegado em Buenos Aires em 1827 durante o governo de Bernardino Rivadavia, Pedro de Angelis foi o principal periodista do regime de Juan Manuel de Rosas<sup>6</sup> e também arrendatário da *Imprenta del Estado*, o que o fez um dos mais qualificados tipógrafos e impressores do Prata. Incentivado financeiramente e com a prensa pública em suas mãos, foi, no longo período em que a Província de Buenos Aires foi comandada por Rosas (1829-1832 e 1835-1852), que De Angelis realizou a maior parte do seu trabalho. Assim, enquanto editava e redigia os periódicos *La Gaceta Mercantil*, *El Lucero*, *Le Flaneur*, *El monitor*, *Los Muchachos*, *El Restaurador de las Leyes* e o mais importante deles, o *Archivo Americano* (no qual se posicionava a favor da – e mesmo defendia a – política de Rosas em nome do governo), aventurava-se na escrita da história, influenciado pela prática colecionista que mantinha com paixão. Angelis era, como definiu Horacio Crespo (2008), um destes tipos particulares de intelectuais eruditos que ocuparam um espaço medular na fundação da historiografia dos novos países hispano-americanos no oitocentos. Estamos nos referindo aqui a um grupo de estudiosos que incluíam, em sua operação historiográfica, “el reconocimiento, la valoración y la preservación del patrimonio documental y bibliográfico” e que

*hicieron de esa actividad uno de los ejes centrales de su trabajo, aunque la dimensión erudita y coleccionista que protagonizaron no los apartó en la mayoría de los casos de la participación política y el compromiso ideológico, tan característicos de los actores intelectuales decimonónicos* (Crespo, 2008, p. 290).

Pedro de Angelis não foi um historiador como outros que apareceriam posteriormente na Argentina. Ele não produziu um “relato de las orígenes” nos moldes de uma “historia nacional”, como fez Bartolomé Mitre entre 1858 e 1859 com sua *Historia de Belgrano y de la Independencia argentina* (Devoto, 2008, p. 270). No entanto, a *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua*

y moderna de las provincias del Río de la Plata, produzida e publicada por Angelis entre 1835 e 1837, foi a primeira coleção de documentos idealizada e surgida naquela região. Além de a obra ter sido bem recebida à época de seu lançamento pelos círculos letrados e por sociedades científicas e literárias da América<sup>7</sup> e da Europa, ela foi diversas vezes lida por estudiosos no decorrer do século XIX, que utilizaram os documentos editados por Pedro de Angelis como fontes históricas para as suas reflexões sobre a América Platina. É justamente sobre a *Colección de obras y documentos* que tratará este breve escrito. Nele, apresentaremos esta obra e exporemos as primeiras reflexões de nossos estudos informados por ela.

## A Colección de Obras y documentos como operação historiográfica

Em nossa tese, intencionamos perceber a escrita da história realizada por Pedro de Angelis como um objeto e como um problema de investigação. Pretendemos, como já afirmamos anteriormente, observar a produção da *Colección* como uma “operação historiográfica”, tal qual a entendeu Michel de Certeau (1982) e como, posteriormente, a reformulou Paul Ricoeur (2007). Pensaremos na *Colección* não somente como um texto encerrado nele mesmo (apesar de que não descuidaremos, também, de sua dimensão escrita), mas levando em consideração que a historiografia é *fabricada* a partir de três eixos – o seu lugar social, a prática historiadora e a escrita (De Certeau, 1982, p. 56-108). Partindo da estrutura triádica da operação proposta por Certeau, Ricoeur alerta para a articulação dos seus três segmentos, que intitulou fase documental, fase explicativa/compreensiva e fase representativa (Ricoeur, 2007, p. 145-301). O filósofo francês destaca que os momentos metodológicos nos quais se desenrola a operação historiográfica são imbricados uns nos outros e que a escrita perpassa todo o trabalho do historiador:

*Para preservar a amplitude de uso do termo historiográfico, não chamo a terceira fase de escrita da história, mas de fase literária ou escriturária, quando se trata do modo de expressão, fase representativa, quando se trata de exposição, do mostrar, da exibição da intenção historiadora considerada na unidade*

<sup>5</sup> Em dezembro de 1853, o Império Brasileiro adquiriu de Pedro de Angelis, ao preço de oito mil pesos (Sabor, 1995, p. 133), 2.785 livros impressos e 1.291 documentos e mapas, em um total de 4.076 peças que pertenceram ao erudito (Cortesão, 1951, p. 45). A maior parte da coleção, cujo corpus versava especialmente sobre a história e a geografia da região platina, foi acondicionada na Biblioteca Nacional, onde até hoje é um dos acervos mais estimados da instituição. Certos documentos foram destinados ao Arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros, evidenciando a importância que aqueles papéis tinham para os interesses políticos do Império e para a demarcação das fronteiras do Estado Nacional, enquanto que algumas obras duplicadas foram encaminhadas ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

<sup>6</sup> Sobre a atuação de Pedro de Angelis como periodista em Buenos Aires e o seu debate em torno da ideia de nação, ver: Scheidt (2008).

<sup>7</sup> Sobre a relação de Pedro de Angelis com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e com intelectuais platinos e brasileiros, ver: Oliveira (2010).

*de suas fases, a saber, a representação presente das coisas ausentes do passado. A escrita, com efeito, é o patamar da linguagem que o conhecimento histórico sempre já transpôs, ao se distanciar da memória para viver a tripla aventura do arquivamento, da explicação e da representação. A história é, do começo ao fim, escrita. A esse respeito, os arquivos constituem a primeira escrita com a qual a história é confrontada, antes de consumir-se ela própria em escrita no modo literário da escrituralidade (Ricoeur, 2007, p. 148).*

Se, como afirma Paul Ricoeur, é com o arquivo que a escrita ingressa na operação historiográfica, é sobre esse momento, o do arquivo – quando ocorre a sua constituição e no qual o programa epistemológico é o estabelecimento da prova documental (Ricoeur, 2007, p. 146) –, que pretendemos nos deter com mais atenção em nosso texto. Afinal, como Pedro de Angelis formatou o seu próprio arquivo de escritos a serem, por ele, confrontados no processo editorial da *Colección de obras y documentos*? Quais os critérios que balizaram a escolha de algumas fontes históricas em detrimento de outras? Aliás, como essas fontes foram criticadas até serem estabelecidas, pelo erudito, como provas documentárias do passado argentino? A partir das provas constituídas, quais representações do passado<sup>8</sup> daquela nação que, então, se começava a imaginar, o autor acabou por elaborar ao selecionar determinados manuscritos e escrever os proêmios, as notas e as introduções de cada um dos documentos publicados? Temos convicção de que enquanto fazia as suas anotações críticas, Angelis estava realizando a escrita da história. Afinal, as exigências da história que, no século XIX, começava a aspirar certa sistematização e disciplinarização (Le Goff, 1984, p. 97) faziam-no não somente acumular manuscritos e perscrutá-los, mas também a tomar as suas notas e tecer os seus comentários sobre esses escritos que, então, estabelecia como fontes.

Em 1835, Pedro de Angelis terminava de editar, em Buenos Aires, o primeiro tomo de sua principal obra, a *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las provincias del Río de la Plata*, após dedicar-se por um longo período à sua pesquisa e à sua produção. Ao final daquele mesmo ano, escrevia uma carta endereçada ao seu amigo uruguaio Florentino Castellanos, na qual relatava, entre outros assuntos, os labores e as dificuldades da edição e da publicação de documentos históricos. Dizia:

*Ud. debe creer que no he tenido un solo instante á mi disposicion para contestarle hasta ahora. Hay condiciones en la vida muy desgraciadas, y los que me han cabido en suerte no son de las peores, pero tampoco muy holgadas. La obra que he emprendido me tiene ocupado incesantemente, porque á mas de mi intervencion como editor, o impresor, tengo que decir algo por mi cuenta, y hacer mis recherches, para acertar con lo que tengo que decir. Agregue Ud. la escasez de obras que consultar de hombres versados en esta clase de disquisiciones; y por fin la brega que tengo con los amanuenses, los impresores, los lenguaraces, los vocabularios imperfectísimos de idiomas indios, y decida Ud. si sobran motivos para enloquecer á un viviente. Por fin, ya no hay mas que hacer que ir adelante. Lo que me anima es la protección del público, que esta vez se ha mostrado generoso conmigo. Es verdad que, sin atribuirme outro merito, puedo creerme con el sacar del olvido, y preservar de la destrucción á una porción de documentos importantes que yacían sepultados, hace siglos, en los rincones más retirados del mundo. Su publicación derramará una gran luz sobre la historia del país, y los que quieran ocuparse de ella no sentirán la falta de materiales y noticiais, como ha sucedido hasta ahora (Angelis in Becú e Torre Revello, 1941, p. XLIV-XLV).*

O trecho da correspondência remetida por Angelis à Castellanos revela a intenção e o cuidado do editor da *Colección* na operação historiográfica que então realizava: sob os auspícios do governador Juan Manuel de Rosas e de sua Imprenta del Estado, Angelis preparava uma publicação, na qual levaria ao público “uma porção de documentos importantes que jaziam sepultados”, os quais pretendia “tirar do esquecimento”, derramando, assim, “uma grande luz sobre a história do país”. No texto intitulado *Prospecto de la Colección*, conteúdo do material que o erudito enviava aos seus pares para divulgar a obra, ele demonstrava mais uma vez seu objetivo ao publicar a documentação acerca da história do Prata ao afirmar que

*Muy raras son las bibliotecas y los museos que sobreviven á sus fundadores; y mas raros los documentos que se perpetuan en el país á que pertenecen, y á quien mas importa conservarlos. Estas consideraciones nos han impulsado á emprender una coleccion de obras y papeles relativos á nuestra historia, y en su mayor partes inéditos (Angelis, 1969, p. 30).*

<sup>8</sup> A representação do passado está especialmente presente na fase da operação historiográfica que Paul Ricoeur chamou de representativa. É quando se coloca em forma escrita o discurso levado ao conhecimento dos leitores de história. Ricoeur ressalta que “nesse momento de expressão literária, o discurso historiador declara sua ambição, sua reivindicação, sua pretensão, a de representar em verdade do passado” (Ricoeur, 2007, p. 240). É importante deixar claro, mais uma vez, que a fase escriturária está presente em todos os momentos metodológicos da operação historiográfica.

A *Colección* foi lançada entre 1835 e 1837 em seis volumes, cujos prefácios eram adquiridos pelo público leitor por assinatura. Com 488 assinantes em um momento inicial, pode-se considerar que a obra obteve êxito editorial, principalmente se pensarmos que se tratava de uma coleção de manuscritos e documentos (Becú e Torre Revello, 1941, p. 17). A compilação constava de 70 documentos, dos quais 57 eram inéditos. Foi um árduo trabalho para o qual o erudito se empenhou em realizar suas “recherches” e em estudar os “vocabulários de idiomas indígenas” para selecionar os documentos e, simultaneamente, escrever os proêmios, discursos preliminares, advertências introdutórias, notícias biográficas, relações históricas e geográficas, notas explicativas, dicionários de língua nativa, bibliografias e índices que faziam parte de sua obra.

Pedro de Angelis compartilhava com seus coetâneos do século XIX a paixão pelos arquivos e pela leitura de documentos (e pelas anotações realizadas sobre as leituras de cada um deles). Ao narrar o trabalho de Leopold Van Ranke nos arquivos e nas bibliotecas da Europa, Anthony Grafton comenta que o *goût de l'archive* foi uma das maiores descobertas do início do novecentos (Grafton, 1994, p. 58). Movida por essa gosto, a busca que Angelis fazia por documentos era exaustiva e, graças à ausência de um espaço formal destinado à prática historiográfica na Argentina<sup>9</sup>, ele a fazia como podia – e com seus próprios recursos – a partir de redes privadas e apelando aos únicos (e caóticos) arquivos públicos existentes em Buenos Aires naquele período. Os manuscritos consultados por ele eram oriundos de pesquisas realizadas desde 1830 em coleções pessoais – como de José Joaquín de Araújo, do padre Saturnino Segurola, de Tomás Manuel de Anchorena, de Baldomero García, de Luís de la Cruz – e em depósitos e arquivos públicos – como a Biblioteca Pública, os arquivos do Fuerte de Buenos Aires, o Archivo General de la Provincia de Buenos Aires e o Departamento Topográfico. No entanto, o acervo mais utilizado para construir a sua coleção foi aquele que ele mesmo possuía, adquirido desde a sua chegada ao Rio da Prata através das famílias de Cerviño, Caberer y Zizur, exploradores e demarcadores dos limites com os domínios portugueses nos últimos anos do domínio espanhol (Podgonry, 2011, p. 35; Crespo, 2008, p. 301). Além disso, o napolitano articulava uma rede de sociabilidade em torno de sua coleção, comprando

e trocando manuscritos, obras, saberes e práticas, através de correspondências com outros intelectuais e eruditos.

Grande parte da *Colección* acabou sendo dedicada, portanto, aos documentos coloniais provindos das heranças familiares de geógrafos e engenheiros militares da administração hispânica, da própria burocracia do Vice-Reinado do Rio da Prata e dos arquivos jesuíticos, que se encontravam, como já dissemos, dispersos em poder de coleções privadas na primeira metade do século XIX. Assim, Pedro de Angelis levava, pela primeira vez ao público, uma série de fontes históricas. Nos prólogos que escreveu para cada um dos documentos, o erudito reforçava a importância da sua *Colección*. Isso ocorre logo na fonte histórica que inaugura o primeiro volume da obra. Trata-se do texto *Anales del descubrimiento, población y conquista de las provincias del Río de la Plata*, produzido em 1612 pelo conquistador espanhol Ruy Díaz de Guzmán, o “primer historiador de estas provincias” (Angelis, 1836a, p. I), como afirmou Angelis para reforçar a autoridade daquele que havia escrito o relato. Ao publicá-lo sob o nome de *Historia Argentina del Descubrimiento, Poblacion y Conquista de las Provincias del Río de la Plata*, alterando, portanto, o seu título original (talvez para dar a impressão aos seus leitores de que a narrativa de Guzmán *revelaria* a “história argentina”), o erudito fez questão de questionar como esse texto escrito com o intento de “perpetuar el recuerdo de los hechos que señalaron el descubrimiento y la conquista del Río de la Plata” (Angelis, 1836a, p. I) pôde ter ficado tanto tempo eclipsado e no esquecimento, exaltando o trabalho que ele mesmo fazia, então, de “recuperação” da história daquela região.

Podemos observar que esses escritos, ao se tornarem públicos através da “*Colección*”, já haviam recebido, pelas mãos de Pedro de Angelis, o tratamento inicial do “fazer história”: estavam já selecionados, reunidos, criticados, transformados, portanto, em “documentos”. O colecionador, ao iniciar sua operação, havia copiado e transcrito as fontes que lhe interessavam, formando o seu próprio arquivo. Depois, havia configurado esses diferentes escritos em um “conjunto, proposto *a priori*”, em uma coleção (De Certeau, 1982, p. 80). Nela, Angelis editava e publicava as fontes que acreditava que forneciam informações “confiáveis” como aporte para a construção de um passado relevante e triunfante para a Argentina. A representação do passado elaborada pelo napolitano

<sup>9</sup> Na Argentina do início do XIX, se comparamos ao Brasil no mesmo período, por exemplo (onde a história já estava em um processo de institucionalização, tendo o Estado assumido a aquisição de obras e documentos, a criação de espaços para acondicioná-los e organizá-los e de um instituto para produzir a escrita da história – o IHGB), a recepção das ideias historicistas assumiu um contorno diferente, por conta das também distintas condições culturais, políticas e institucionais dos antigos territórios espanhóis após as independências. Devemos pensar que, em um primeiro momento, a reforma borbônica, com a expulsão da Companhia de Jesus dos territórios americanos e, em um segundo, o desmantelamento da estrutura administrativa decorrente da queda do Império Espanhol, contribuíram para a dispersão da documentação colonial. Esses dois fatores foram, para Cañizares-Esguerra (2007), determinantes para a prática da “anticuária” e para a escrita da história americana (objetos de estudo deste historiador em *Cómo escribir la historia del Nuevo Mundo*). Assim, no interim entre o fim da época colonial e a construção das Repúblicas americanas, os manuscritos circularam como propriedades particulares no espaço platino, sujeito às regras do comércio e aos interesses de conservação de seus donos.



tinha, afinal, a pretensão de ser “fiel”, “verdadeira”. A avaliação da autenticidade da fonte histórica era uma operação metodológica corrente entre os historiadores do XIX e procedia “um conjunto de preceptivas chamado ‘crítica documental’ externa e interna” (Reis e Fernandes, 2006, p. 34). Nessa operação, o investigador deveria perguntar-se: é o documento original ou cópia? É artefato fiel? Quem redigiu o texto? A testemunha enganou-se ou quis enganar-nos? Foi testemunha direta, ocular ou secundária? (Reis e Fernandes, 2006, p. 34-35). Assim, em um momento em que a narração de uma pessoa que viveu a situação descrita decorreria um texto mais verdadeiro, a já citada obra de Guzmán vai entrar para o rol dos materiais insuspeitos por ser escrita por um “un testigo, y actor á veces de estas hazañas”, que descreveu “los principales detalles” da conquista do Prata (Angelis, 1836a, p. I).

Outro exemplo desse procedimento pode ser percebido no Terceiro Tomo da *Colección*. No prólogo realizado à *Viaje al Río de la Plata*, de Ulrico Schmidl, no qual o conquistador bávaro relata a sua expedição ao Sul da América realizada entre 1536 e 1553, o editor questionou todos os outros manuscritos coetâneos e afirmou que o texto de Schmidl era “el primer monumento de nuestra historia, y la única fuente en que deben beber lo que se proponen seguir los primeros pasos de los europeos en estas remotas regiones” (Angelis, 1836b, p. IV). Os documentos da *Colección* de Angelis pareciam ser um campo seguro ao estudioso e acabaram sendo entendidos não só como documentos, mas enquanto “monumentos históricos escritos” (Le Goff, 1994). A leitura que fazia a história do XIX desses documentos buscava certa “objetividade” e que “a qualidade daquilo que estava escrito passava por uma nova noção de verdade: menos transcendental, mais científica” (Reis e Fernandes, 2006, p. 37). Dessa maneira, extraíam-nos “do conjunto dos dados do passado, preferindo-o uns a outros, atribuindo-lhe um valor de testemunho que, pelo menos em parte, depende de sua própria posição na sociedade da sua época e da sua organização mental [...]”. (Le Goff, 1984, p. 547).

Angelis concluía sobre Schmidl que se tratava de um escritor “confiável”, exaltando a qualidade da escrita do bávaro e, especialmente por ele se mostrar tão “cuerto en sus demás detalles” (Angelis, 1836b, p. III), questionava os seus leitores: “¿Quien no preferirá la ingenua relación del que concurrió á la fundación de Buenos Aires y la Asumpcion, á las páginas más elocuentes de los modernos historiadores?” (Angelis, 1836b, p. III). Para não deixar dúvidas quanto à veracidade do escrito de Ulrico Schmidl, Pedro de Angelis ainda inseriu uma grande quantidade de notas de rodapé em sua edição da crônica, apontando passagens de outras obras – principalmente *La Argentina* de Martín del Barco Centenera e os *Comentarios* de Cabeza

de Vaca – que coincidiram e, dessa forma, confirmariam o conteúdo da *Viaje al Río de la Plata*.

A *Colección* incluía documentos sobre fatos históricos cujo conhecimento poderia constituir um aporte na construção de um passado relevante e glorioso, como a fundação de Buenos Aires, de que trata o próprio texto de Schmidl – “¿Cuan distinta fué la acogida que les hicieron los Querandís morados y dueños de los fértiles campos en donde se fundó BUENOS AIRES!” (Angelis, 1836b, p. II), escreve Angelis em letras garrafais ao citar o encontro, descrito no diário do bávaro, dos conquistadores com os indígenas que viviam no território onde seria a Província. Essa intenção aparece especialmente quando o editor introduz os textos da conquista e da colonização espanholas do Prata, cujas experiências Angelis procurava exaltar, assim como os estudiosos à época costumavam fazer com a conquista e a colonização dos territórios dos Impérios Asteca e Inca. Mais do que isso: ocorre, na *Colección*, uma valorização dos nativos que habitavam as terras da região platina. Assim, se, conforme Angelis, os historiadores não deram a devida atenção para a história do Prata, “cuya admiración se concentró en los conquistadores del Perú y Méjico” (Angelis, 1836b, p. V), para o erudito napolitano,

*la historia general de América, la del Río de la Plata ocupa un puesto eminente. Si aquí no hubo que avasallar Incas, ni destronar Montezumas, no fué por esto menos larga y encarnizada la lucha. En el Perú y en Méjico la oposición se encontró con los gobiernos: –aquí fué obra de los pueblos, que se levantaron en masa contra los invasores, desde las costas del Oceano hasta las regiones mas encumbradas de los Andes. Sin mas armas que su arco, sin mas objeto que la conservación de su independencia, defendieron con valentía las soledades en que vagaban, contra el poder colosal de los Reyes Católicos, y las tropas mas aguerridas de Europa (Angelis, 1836a, p. I-II).*

A documentação escolhida por Angelis para as edições de sua *Colección*, ademais, acabava revelando textos que se referiam às zonas ainda pouco conhecidas do território argentino, especialmente as fronteiras, como as regiões ao norte do Rio da Prata e da Patagônia. Eram relatos de viagem ou informes de conquistadores, missionários ou administradores do período colonial. Dialogando com a concepção histórica vigente, bastante pragmática, a *Colección* cumpria com o papel de criar a prova – o *corpus* documental – e alegar sobre a “verdade histórica” para reclamar possíveis direitos territoriais sob aqueles espaços. Fundamental na historiografia moderna, aquelas edições de Angelis seguiam, portanto, a ideia de que o conhecimento do passado e do presente podia

colocar-se a serviço do futuro. Essa operação implicava um giro, portanto, no fazer história e no papel que ela assumia, que ia da erudição antiquária à utilidade pragmática. Assim, se durante séculos a história foi considerada uma forma retórica erudita, ou foi produzida como um exemplo destinado a orientar decisões do presente – a escrita de uma história mestra da vida inspirada nos modelos clássicos (Catroga, 2006) –, agora o exame do passado só seria dotado de sentido se visasse o futuro (Koselleck, 2006). Esse seria, para Koselleck, um dos marcos da chegada da modernidade: o distanciamento de um olhar direcionado para o passado em relação àquele que é dirigido para o futuro (Koselleck, 2006, p. 314). Em um momento em que se começavam a imaginar as futuras nações, a história era, pois, a solução encontrada, tanto no Velho quanto no Novo Mundo, para pensar as origens e as identidades das comunidades que surgiam, “a natureza dos seres humanos” que faziam parte delas, “a geografia de seu território e a legitimidade de seu passado” (Anderson, 2008, p. 227).

A “Colección” de Pedro de Angelis se destacou por ter trazido ao público numerosos documentos pouco conhecidos ou inéditos, mas também por sua qualidade editorial, forma e material, com nenhuma equiparação na Argentina da primeira metade do século XIX. Por essa razão, temos convicção de que se faz necessário analisar com cuidado a operação historiográfica que Angelis realizou, assim considerada, porque, apesar de não ter sido feita a partir de uma instituição formal, ela foi realizada a partir de um lugar de produção. Envolveu, portanto, escolhas e silenciamentos, concepções sobre o conhecimento do passado, características formais, inclusive de narrativa, e uma relevante circulação e influência nos estudos que vieram posteriormente. Pensamos que, a partir daquele momento, na Argentina, mesmo que as fontes históricas circulassem em mãos de colecionadores particulares, sem estar organizadas e disponíveis em arquivos públicos ou associações científicas, ou que os estudiosos não realizassem suas investigações com o incentivo oficial do Estado, foram produzidos escritos e publicadas fontes históricas com um objetivo pragmático. Afinal, acreditamos que a prática colecionista de Angelis e a operação por ele realizada não eram simplesmente destinadas a exibir a erudição do autor: ao mirar o passado, elas tentavam estabelecer, sempre através da comprovação documental, a singularidade da própria identidade da nação que se começava a imaginar (a sua história, os seus habitantes, os seus territórios).

## Referências

ANDERSON, B. 2008. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 330 p.

- ANGELIS, P. 1836a. *Colección de obras y documentos relativos a la historia Antigua y Moderna de las Provincias del Río de la Plata*. Buenos Aires, Imprenta del Estado, tomo 1.
- ANGELIS, P. 1836b. *Colección de obras y documentos relativos a la historia Antigua y Moderna de las Provincias del Río de la Plata*. Buenos Aires, Imprenta del Estado, tomo 3.
- ANGELIS, P. 1969. Prospecto de una colección de obras y documentos inéditos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Río de la Plata. In: A.M. CARRETERO (ed.), *Colección Pedro de Angelis*. Buenos Aires, Editorial Plus Ultra, tomo 1, 826 p.
- BECÚ, T.; TORRE REVELLO, J. 1941. *La Colección de Documentos de Pedro de Angelis y el Diario de Diego de Alvear*. Buenos Aires, Talleres S.A./Casa Jacobo Peuser Ltda., 163 p.
- BERNALDO DE QUIRÓS, P.G. 2008. *Civilidad y política en los orígenes de la nación argentina. Las sociabilidades en Buenos Aires, 1829-1862*. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 504 p.
- CAÑIZARES-ESGUERRA, J. 2007. *Cómo escribir la historia del Nuevo Mundo: Historiografías, epistemologías e identidades en el mundo del Atlántico del siglo XVIII*. México, FCE, 638 p.
- CATROGA, F. 2006. Ainda será a História Mestre da Vida? *Estudos Ibero-Americanos*, 2(Edição Especial):7-34.
- CHIARAMONTE, J.C. 2009. *Cidades, províncias, Estados. Orígenes da nação argentina (1800-1846)*. São Paulo, Editora HUCITEC, 267 p.
- CORTESÃO, J. 1951. Introdução. In: J. CORTESÃO, *Manuscritos da Coleção de Angelis: Jesuítas e bandeirantes no Guairá (1549-1640)*. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, p. 11-85.
- CRESPO, H. 2008. El erudito coleccionista y los orígenes del americanismo. In: C. ALTAMIRANO, *Historia de los intelectuales en América Latina. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo*. Buenos Aires, KATZ Editores, p. 290-311.
- DE CERTEAU, M. 1982. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro, Forense, 345 p.
- DEVOTO, F. 2008. La construcción del relatos de los orígenes en Argentina, Brasil y Uruguay: las historias nacionales de Varnhagen, Mitre y Bauzá. In: C. ALTAMIRANO (dir.), *Historia de los intelectuales en América Latina. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo*. Buenos Aires, KATZ Editores, p. 269-289.
- DEVOTO, F.; FAUSTO, B. 2004. *Brasil e Argentina: Um ensaio de história comparada (1850-2002)*. São Paulo, Editora 34, 576 p.
- GIL, A.C.A. 2001. *Tecendo os fios da nação: soberania e identidade nacional no processo de construção do Estado*. Vitória, Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 271 p.
- GRAFTON, A. 1994. The Footnote from De Thou to Ranke. *History and Theory*, 33(4):53-76. <http://dx.doi.org/10.2307/2505502>
- GUERRA, F.-X. 1992. *Modernidad e Independencias. Ensayos sobre las revoluciones hispánicas*. México, D.F., Editorial Mapfre/FCE, 406 p.
- KOSELLECK, R. 2006. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro, Contraponto/Ed. PUC-Rio, 366 p.
- LE GOFF, J. 1984. Documento-monumento. In: *Enciclopédia Einaudi*. Porto, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, p. 95-106.
- OLIVEIRA, S.P.O. 2010. *A querela de clío na região do Prata e do Brasil: tensões e diálogos da escrita da história nos Institutos Históricos e Geográficos (1838-1852)*. Rio de Janeiro, RJ. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 163 p.
- PODGORNY, I. 2011. Mercaderes del pasado: Teodoro Vilardebó, Pedro de Ángeles y el comercio de huesos y documentos en el Río de la Plata, 1830-1850. *Circumscribere*, 9:29-77.

- REIS, A.R.; FERNANDES, L.E.O. 2006. A crônica colonial como gênero de documento histórico. *Ideias*, **13**(2):25-41.
- RICOEUR, P. 2007. *A memória, o esquecimento, o silêncio*. Campinas, Editora da UNICAMP, 535 p.
- SABOR, J.E. 1995. *Pedro de Angelis y los orígenes de la bibliografía argentina: ensayo bio-bibliográfico*. Buenos Aires, Solar, 460 p.
- SCHEIDT, E. 2008. *Carbonários do Rio da Prata: jornalistas italianos e a circulação de ideias na Região Platina (1827-1860)*. Rio de Janeiro, Apicuri, 194 p.
- WASSERMAN, F. 2008. *Entre Clio y La Polis: conocimiento histórico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860)*. Buenos Aires, Editorial Teseo, 278 p.

Submetido: 12/02/2014

Aceito: 25/02/2014